

## FERNANDO PESSOA E A LITERATURA PARA A INFÂNCIA: ENCONTROS E DESENCONTROS

FERNANDO PESSOA AND CHILDREN'S LITERATURE: AFFINITIES  
AND DIFFERENCES

FERNANDO PESSOA Y LA LITERATURA PARA NIÑOS: AFINIDADES  
Y DIFERENCIAS

*Ana Margarida RAMOS\**

**Resumo:** Este estudo pretende refletir sobre a relação entre Fernando Pessoa e a literatura para a infância a partir da análise de alguns textos do poeta preferencialmente destinados àquele público. Serão, ainda, analisadas algumas narrativas que tematizam o poeta modernista português destinadas ao público mais jovem, assim como a presença da sua obra poética em coletâneas de modo a perceber a imagem que literariamente se constrói do poeta e da sua obra.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa; Literatura Infantil; Infância; Literatura Biográfica.

**Abstract:** This study aims to reflect on the relationship between Fernando Pessoa's literary production and children's literature by analyzing some of Pessoa's texts preferably intended for children. Also, in order to understand how his personality and poetry are depicted in literary texts aimed for young readers, some biographic narratives about the poet are also analyzed, as well as the presence of his work in specific poetry collections.

**Keywords:** Fernando Pessoa; children's literature; childhood; biographic literature.

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre Fernando Pessoa y la literatura para niños a partir del análisis de algunos textos del poeta preferentemente destinados a ese público. También se analizarán algunas narraciones para niños y jóvenes que tematizan el poeta modernista portugués, así como la presencia de sus textos en colecciones de poesía con el fin de estudiar la imagen literaria que construyen del poeta y de su obra.

**Palabras clave:** Fernando Pessoa; Literatura Infantil; Infancia; Literatura Biográfica.

---

\* Doutora em Literatura e Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal. Investigadora Integrada do CIDTFF (Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores) da Universidade de Aveiro. Contacto: [anamargarida@ua.pt](mailto:anamargarida@ua.pt).

## 1 Introdução. Infância como motivo poético

A infância, nas suas múltiplas aceções, ligada quer à inocência e à ingenuidade, uma espécie de estado perfeito da não consciência, quer de conotação simbólica e idealizada, paraíso perdido do qual os homens são expulsos, é motivo assíduo na poesia de Fernando Pessoa. Leiam-se, a comprová-lo, algumas passagens de “Un Soir à Lima”, “Minha mãe, dá-me outra vez”, “Olha-me rindo uma criança” ou “Quando as crianças brincam”, por exemplo.

Este último poema ilustra bem uma certa saudade de uma infância mitificada e dourada que o poeta não conheceu, *topos* que percorre vários textos da sua autoria:

Quando as crianças brincam  
E eu as oiço brincar,  
Qualquer coisa em minha alma  
Começa a se alegrar

E toda aquela infância  
Que não tive me vem,  
Numa onda de alegria  
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,  
E quem serei visão,  
Quem sou ao menos sinto  
Isto no coração.<sup>1</sup>

## 2 Pessoa nas coletâneas poéticas para a infância e juventude

Na produção contemporânea portuguesa de destinatário infantil, sobretudo nos últimos anos, Fernando Pessoa começou a impor-se como figura de referência, tendo sido publicadas várias coletâneas com textos seus selecionadas especificamente para o público infantojuvenil. Lembremos, pela qualidade do volume, a antologia de Sophia de Mello Breyner Andresen intitulada “Primeiro Livro de Poesia. Poemas em língua portuguesa para a infância e a

---

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. **Poesia 1931-1935**: e não datada. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

juventude” (1991), onde estão representadas as melhores vozes da lusofonia. De Fernando Pessoa, a autora selecionou, da “Mensagem”, os poemas “O Mostrengo” e “Horizonte”, para além de “O menino de sua mãe”. O cariz narrativo dos textos escolhidos, a sugestão de aventura vivida e de medo superado que percorre os dois primeiros, mas também a emoção do último, ajudarão a explicar a preferência da organizadora por estes textos, em detrimento de outros mais próximos do imaginário infantil. Mais recentemente, em 2008, na coletânea “O Meu Primeiro Álbum de Poesia”, organizada por Alice Vieira, Fernando Pessoa volta a ser um dos autores convocados, tendo a autora selecionado o poema “Levava eu um jarrinho”, o texto de abertura do conjunto “Canções para acordar crianças”. Em 2007, vem a lume a coletânea de Maria de Lourdes Varanda e Maria Manuela Santos, “Poetas de Hoje e de Ontem. Do século XIII ao XXI para os mais novos”, onde, parecem surgir elididas as fronteiras entre sistemas literários contíguos ou paralelos. Integram a coletânea, entre outras, as vozes de D. Dinis, Gil Vicente, Camões, Almeida Garrett, Bocage, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Miguel Torga, António Gedeão, Sebastião da Gama e Eugénio de Andrade lado a lado com Matilde Rosa Araújo, António Torrado ou Luísa Ducla Soares. De Fernando Pessoa, as autoras selecionaram os poemas “O Mostrengo”, “Havia um menino”, “Levava eu um jarrinho” e “No Comboio Descendente”. Estas escolhas revelam uma unidade na seleção de poemas de Fernando Pessoa e parecem norteadas por critérios de acessibilidade, mas também de identificação dos leitores com o imaginário literário dos textos, para além da exploração de aspetos sonoros, lúdicos e humorísticos dos mesmos.

Especificamente dedicada ao autor da “Mensagem”, veio a lume, com chancela da Porto Editora, uma coletânea organizada por José António Gomes, “Poesia de Fernando Pessoa para Todos” (2008), onde é possível encontrar um conjunto muito significativo de textos do mais importante poeta modernista português, incluindo o seu primeiro poema, dedicado à mãe quando tinha apenas sete anos, a abrir este volume. Seguem-se os textos conotados com o universo infantil, nomeadamente os três textos que pertencem ao ciclo “Canções para acordar crianças (Poemas para Lili)”, além de outros de proximidade ao universo infantil, como o “Poema Pial” ou “A Íbis”, dedicados a crianças que frequentavam círculos próximos de Fernando Pessoa.

Marcados por uma forte dimensão lúdica, a que não será alheia a herança das rimas infantis inglesas, percorridas pelo *nonsense* e pelos jogos de palavras e de sons, estes poemas são ainda caracterizados pelo humor e por motivos próximos das crianças, incluindo jogos e brincadeiras. A coletânea completa-se com outros textos da poesia pessoana onde surge o motivo da infância, conotado com a inocência e a inconsciência (“Olha-me rindo uma criança...”), para além de outros poemas suscetíveis de agradar, pela temática ou forma, a esses destinatários, como acontece com “O Menino da sua Mãe”, “Liberdade”, “Mar Português”, “O Mostrengo” ou “Infante”, muitos deles presentes em seleções escolares e, desse modo, conhecidos do público-alvo. A presença do maravilhoso e de uma certa narratividade explicará, porventura, a presença de textos como “Eros e Psique” ou “A Fada das Crianças”.

As imagens de António Modesto que ilustram esta coletânea recriam vários motivos próximos a Fernando Pessoa, recuperando alguma da sua iconografia mais emblemática, além de propor uma certa aproximação modernista e vanguardista do início do século XX, sem deixar de recriar os motivos dos poemas, tecendo uma coerência visual que une o volume.

Posteriormente, a Factoría K, uma chancela da editora galega Kalandraka, casa solidamente implantada no panorama ibérico, deu à estampa “Fernando Pessoa. Antologia Poética” (2009), uma coletânea de 13 poemas do autor e de alguns dos seus mais conhecidos heterónimos, selecionados por Margarida Noronha e Pedro Proença e ilustrada por este último. Na mesma coleção que já editara, entre outros livros destinados ao público juvenil, um volume em galego de Rosalía de Castro e outro em castelhano de Miguel Unamuno, não deixa de ser relevante que a escolha do primeiro autor português a editar recaia em Fernando Pessoa<sup>2</sup>. Nenhum dos textos habitualmente conotados com o universo infantil faz parte da seleção, que inclui alguns dos textos mais emblemáticos da estética pessoana e dos vários heterónimos, como acontece como “Autopsicografia” ou “Chuva Oblíqua” em relação a Fernando Pessoa, “Tabacaria”, “Vem sentar-te comigo, Lídia...” e “Eu nunca guardei rebanhos” em relação a Álvaro

---

<sup>2</sup> Entretanto, a coleção, no âmbito português, foi alargada a autores como Cesário Verde, Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro e Bocage, revelando uma escolha ousada e singular, quer ao nível dos textos, quer das ilustrações.

de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro, respetivamente. Exigente e problematizadora, a antologia procura, através de apenas 13 poemas, revelar a profunda originalidade da estética pessoana, fazendo ouvir as vozes poéticas que se escondem e se revelam no autor de “Mensagem”. As ilustrações procuram recriar, pela cor e pelas formas, algumas das tendências da arte modernista próxima de Pessoa, nomeadamente a estética de Amadeo Souza-Cardoso, como o próprio criador explica num posfácio. O recurso às colagens e a combinações de materiais gráficos de origem variada permitem tirar partido das cores vibrantes, partindo, em alguns casos, de desenhos originais do poeta criador da “Orpheu”.

Em 2006, sob a chancela da Afrontamento, foi editado, sob a forma de um álbum poético ilustrado, o “Poema Pial”, texto próximo do conjunto dos textos do autor destinados a crianças. O formato da edição, que conta com ilustrações de uma das mais importantes criadoras portuguesas, Manuela Bacelar, e de alguns elementos paratextuais condicionam a leitura do texto e o universo de receção previsto, alterando mesmo a distribuição métrica e estrófica original, por via do arrojado e lúdico *design* gráfico. Talvez seja por isso que, na última página do volume, mesmo antes dos créditos, o poema surja reescrito na íntegra, incluindo a desafiadora epígrafe original. Esta, aliás, condiciona imediatamente a leitura, dando ao leitor, convertido em “freguês”, uma insólita possibilidade de escolha e introduzindo-o, desde aquele paratexto, no universo surpreendente do poema. Na esteira das *nursery rhymes*, sem grande tradição no contexto português do início do século XX, mas cruciais na educação literária (linguística e humana) das crianças oriundas do contexto anglófono, como foi o caso de Fernando Pessoa, o texto pessoano surpreende pelo jogo com as palavras, as rimas e os ritmos paralelísticos, construindo uma sequência onde, apesar da ordem numérica e da organização sequencial, imperam a desordem linguística, o absurdo e o cómico, promovendo o riso. É visível a exploração das potencialidades sonoras das palavras, entendidas mais enquanto matéria-prima (ao nível do significante, na sua vertente de imagem acústica ou gráfica), do que conteúdo ou significado. Assim, a cadeia linguística construída por ação da combinação das palavras não cria referências concretas reconhecíveis, funcionando como subversão das expectativas, jogo com a nonsensicalidade e desafio à capacidade leitora dos

destinatários. As propostas surpreendem, pois, pelo insólito e pelo cômico, explorando associações curiosas, como acontece com “quem bebe bifés de bois” ou “quem se penteia com bolos-reis”.

### **POEMA PIAL**

Casa Branca – Barreiro a Moita  
(Silêncio ou estação, à escolha do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias  
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM  
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,  
Para quem bebe bifés de bois.

Pia número TRÊS,  
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,  
Para quem manda as vendas ao teatro.

Pia número CINCO,  
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,  
Para quem se penteia com bolos-reis

Pia número SETE,  
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,  
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,  
Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,  
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,  
Tampa nas pias! (PESSOA, 2006).

No caso desta edição da *Afrontamento*, tira-se partido de toda a ludicidade do texto, convertendo-o numa espécie de jogo com os números e com as propostas de associação apresentadas. Sem a forma poética original, e explorando o dramatismo do momento de virar de página, a composição tira partido da sugestão humorística, também presente nas ilustrações que trabalham graficamente imagens conhecidas de Fernando Pessoa ou recriam os objetos mencionados. A variação cromática das páginas e o impacto do *lettering* selecionado colaboram na construção de uma edição semelhante ao álbum, aproximando o poeta modernista português dos leitores mais pequenos e desmistificando a leitura da sua obra e da própria poesia.

### **3 Pessoa e a reflexão sobre a literatura para a infância**

A preferência por uma poética de liberdade e de ludicidade, onde as palavras podem ser combinadas de forma surpreendente, quase aleatória, criando sugestões insólitas, motivando o riso e subvertendo as expectativas mais tradicionais, ajudará a explicar as duras críticas que fez a uma obra literária para crianças de uma das figuras mais relevantes da literatura portuguesa do seu tempo, “Bartolomeu Marinheiro”, de Afonso Lopes Vieira. Na revista “Teatro”, a 1 de março de 1913, escrevia:

Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças. Escrever de cousas simples com simplicidade é quanto se exige daquela espécie de adido à pedagogia que o sr. Lopes Vieira quer ser. [...] O sr. Lopes Vieira quer escrever para crianças mediante intuição da alma infantil, como uma criança escrevendo para crianças. [...] Mas o que uma criança escreve ou não se publica ou se publica para adultos, psicólogos. E que interesse tem para crianças esta baba pedagógica? [...] Que interesse fica, para psicólogos desta pobreza de senso-comum, obediência aos elogios parvos ou videiros e casta abstenção das voluptuosidades de pensar e criar-arte, do S. Francisco de Assis da Livraria Ferreira? [...]

O sr. Lopes Vieira é um criminoso. É-o por três razões. Está

estragando, com o seu gato-por-lebre de simplicidade, o rudimentar senso estético de crianças, que mesmo que sejam só duas, são classificáveis de inúmeras, ante o horror do crime. – Está tornando ridículos assuntos que conviria tratar com uma decência que a estupidez, mesmo quando involuntária, nunca tem. Pobres cães nossos amigos, tinhosos de Lopes Vieira! Pobre Bartolomeu Dias, tão embebido de pedagogia! – E, por último, para tudo de nocivo ser, o sr. Lopes Vieira é antipedagógico, porque quem escreve

*Que era de antes o mar? Um quarto escuro*

*Onde os meninos tinham medo de ir,*

merece uma inquisição de professores. [...]

As nossas crianças, educadas na estupidez pela leitura das obras infantis do sr. Lopes Vieira, levadas ao antipatriotismo pelo inevitável desdém que um livro como o *Bartolomeu Marinheiro* leva a ter pelo navegador, que ali aparece vestido de bebê de Carnaval, cheias de fobias, por lhes terem sido metaforizadas na infância cousas como que um quarto escuro é logicamente terrível, os homens de amanhã (adotados escolarmente, como tudo o que dizemos neste artigo leva a crer que sejam, os livros do sr. Lopes Vieira) terão por Shakespeare o sr. Júlio Dantas, por Shelley o sr. Lopes Vieira... e serão espanhóis.» (PESSOA, [19--], p. 29-32).

A polémica estava, pois, lançada, mas o texto aqui transcrito, apesar da sua extensão, não deixa de ser, para lá da acidez combativa e demolidora, uma reflexão sobre o que o autor modernista entendia dever ser a literatura para crianças, simples mas exigente, liberta de pedagogias fáceis e infantilismos.

#### **4 Os textos poéticos de Pessoa para a infância**

Os três textos incluídos no grupo das “Canções para acordar crianças (Poemas para Lili)”<sup>3</sup> exprimem bem a dimensão lúdica da poesia, brincando com as palavras e com os ritmos e a musicalidade que delas se desprendem. Estudos anteriores (MARTHA, 2005; RODRIGUES, 2008) têm revelado esta faceta menos conhecida do poeta, sublinhando o feliz encontro entre literatura e infância.

---

<sup>3</sup> Veja-se como o título é sintomático da conceção de literatura para a infância do poeta, destinada a estimular as crianças, exigindo a sua cooperação interpretativa e brincando com as suas expectativas, surpreendendo-as e desafiando-as.



No caso do primeiro texto, “Levava eu um jarrinho”, é possível, pelo menos, realizar dois níveis de leitura distintos. O primeiro, mais inocente e mais literal, permite ler o lamento e o arrependimento da criança por uma série de opções realizadas no passado, uma vez conhecidas as suas consequências trágicas. Desta feita, numa organização textual baseada no processo de causa e efeito, as ações do menino, resultam das opções do sujeito poético e conduzem à transformação total, por via da sua destruição, da situação inicial, perdendo-se tudo o que de positivo a caracterizava (o jarrinho e o vinho, o pão e o tostão, a fita e a menina bonita). A variação dos tempos verbais entre o pretérito imperfeito, o pretérito perfeito e o imperfeito do conjuntivo é significativa do ponto de vista narrativo adotado e da sequência de ações narradas.

Mas, numa leitura mais profunda, o texto também revela uma espécie de olhar crítico sobre os julgamentos de ações do passado, uma vez conhecidas as suas consequências, como o uso da conjunção “se”, na última estrofe, parece marcar, uma vez que, na descrição inicial, nada indiciava o desfecho trágico do episódio.

## I

Levava eu um jarrinho  
Para ir buscar vinho;  
Levava um tostão  
Pra comprar pão;  
E levava uma fita  
Para ir bonita.

Correu atrás  
De mim um rapaz.  
Foi o jarro pra o chão,  
Perdi o tostão,  
Rasgou-se-me a fita...  
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,  
Nem fosse buscar vinho,  
Nem levasse um tostão  
Pra comprar pão,  
Nem levasse uma fita

Para ir bonita,  
Nem corresse atrás  
De mim um rapaz  
Para ver o que eu fazia,  
Nada d'isto acontecia. (NOGUEIRA, 1998, p. 11).

A estrutura paralelística do primeiro poema mantém-se nos dois seguintes, ambos devedores de um ritmo construído com base em repetições, no uso do refrão e no recurso ao ritmo binário. “Pia, pia, pia” é uma espécie de jogo com a homonímia da palavra “pia”, primeiro usada como verbo, reportando-se à ação do mocho, e finalmente, no último verso, utilizada como nome, referindo-se ao recipiente onde é colocado o mocho. A exploração do duplo sentido da palavra e o cômico de situação e de personagem que estão na base deste breve poema narrativo explicam a adesão dos leitores, sempre prontos a desafiar os limites das palavras:

## II

Pia, pia, pia  
O mocho,  
Que pertencia  
A um coxo.

Zangou-se o coxo  
Um dia,  
E meteu o mocho  
Na pia, pia, pia... (NOGUEIRA, 1998, p. 12)

“No comboio descendente”, possivelmente um dos mais conhecidos textos do poeta, presente em múltiplas antologias e coletâneas para vários tipos de leitores, voltamos a encontrar as sugestões humorísticas que resultam da situação recriada. O ritmo do comboio, bem expresso no refrão, parece contagiar os passageiros e o seu comportamento vai-se alterando de estrofe para a estrofe, oscilando entre o riso, o silêncio, a conversa e o sono. Criando um cenário vibrante, o sujeito poético conota positivamente a viagem, imprimindo-

lhe um conjunto de sugestões eufóricas, mesmo ao nível do registo, muito solar e alegre, como a afirmação “vinha tudo à gargalhada” e a exclamação “Mas que grande reinação!” ilustram muito bem.

### III

No comboio descendente  
Vinha tudo à gargalhada,  
Uns por verem rir os outros  
E os outros sem ser por nada -  
No comboio descendente  
De Queluz à Cruz Quebrada.

No comboio descendente  
Vinham todos à janela,  
Uns calados para os outros  
E os outros a dar-lhes trela -  
No comboio descendente  
Da Cruz Quebrada a Palmela.

No comboio descendente  
Mas que grande reinação!  
Uns dormindo, outros com sono,  
E outros nem sim nem não  
No comboio descendente  
De Palmela a Portimão. (NOGUEIRA, 1998, p. 13).

No volume organizado por Manuela Nogueira, a sobrinha predileta de Fernando Pessoa, “O Melhor do Mundo São as Crianças. Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância” (1998), surgem ainda outros textos que as coletâneas posteriores também repetem, como é o caso de “Havia um menino”, “O Soba de Bicá” ou “A Íbis”, entre outros. Trata-se de textos que, um pouco à semelhança dos anteriormente analisados, exploram o jogo com as palavras e as expectativas que elas criam, propondo originais construções textuais, algumas assumidamente irreverentes.

#### **Havia um menino**

Havia um menino,

que tinha um chapéu  
para pôr na cabeça  
por causa do sol.

Em vez de um gatinho  
tinha um caracol.  
Tinha o caracol  
dentro de um chapéu;  
fazia-lhe cócegas  
no alto da cabeça.

Por isso ele andava  
depressa, depressa  
pra ver se chegava  
a casa e tirava  
o tal caracol  
do chapéu, saindo  
de lá e caindo  
o tal caracol.

Mas era, afinal,  
impossível tal,  
nem fazia mal  
nem vê-lo, nem tê-lo:  
porque o caracol  
era do cabelo. (NOGUEIRA, 1998, p. 17).

Construído, claramente, de forma a conduzir o leitor por um caminho de interpretação equívoco, explorando o duplo sentido da palavra caracol, o poema brinca com as expectativas dos leitores, transformando a leitura numa espécie de jogo de escondidas. Assim, a proximidade da palavra gatinho, força a leitura do caracol como sendo um animal que a criança guarda dentro do chapéu e que, a dada altura, a incomoda. Só o último verso revelará o engano e o mistério do caracol, obrigando a nova leitura e reinterpretação de acordo com a informação sonogada inicialmente. Desafiador e instigador, preparando o leitor para não aceitar passivamente todas as informações do texto, desenvolvendo o seu espírito crítico, o texto parece “acordar” a competência leitora infantil.

No caso de “O Soba de Bicá”, o poema explora, através do recurso a perífrases, o humor que decorre do uso do tabu linguístico, mesmo que apenas implicitamente sugerido. Repare-se como a indicação de que o soba andava nu é fornecida de forma indireta, optando o sujeito poético, perifrasticamente, por descrever (e adjetivar!) o traje “feito de pele e coisa nenhuma”. A opção por violar o esquema rimático no último verso da segunda estrofe, combinada com o recurso a nova perífrase, permite perceber a alusão implícita que aí se esconde, evitando ao mesmo tempo o recurso explícito ao calão:

O soba de Bicá,  
maravilhoso gajo,  
usava um admirável traje  
- que era feito de pele e coisa nenhuma.

Um dia o soba, coitado,  
Sentou-se por descuido em cima de uma brasa.  
Em vez de gritar: “Ai as minhas calças uhhh!...”  
Gritou ele, esquecendo o traje:  
“Ai... minha fisionomia contrária” (NOGUEIRA, 1998, p. 20).

## **5 Narrativas para a infância sobre Fernando Pessoa**

Mas, para além da própria obra, ou em conjunto com ela, é a própria figura de Pessoa que surge recriada em biografias destinadas aos leitores mais jovens, procurando suscitar curiosidade e desmistificar estereótipos e preconceitos. O panorama editorial português oferece duas narrativas que se enquadram neste âmbito. A primeira, da autoria de José Viale Moutinho, datada de 1995, com 2ª edição em 2001, intitula-se “Fernando Pessoa. O menino de sua mãe” e insere-se na coleção “Crianças Famosas” da Campo das Letras. Centra-se na infância do poeta e procura estabelecer afinidades com os leitores, enumerando referências comuns. Construída com base num diálogo entre a famosa estátua de Pessoa no café “A Brasileira”, em pleno Chiado, e uma criança curiosa, a narrativa de primeira pessoa é feita pelo próprio poeta, dando informações sobre o seu nascimento e os primeiros anos da sua vida, antes de referir a morte do pai e os tempos difíceis que se lhe seguiram. A figura materna, central na vida e na infância do poeta, ocupa um lugar de relevo no texto, servindo de

fio condutor para a nova vida e a nova fase da infância do pequeno Fernando, levado para Durban, depois do novo casamento da mãe. A referência ao primeiro dos heterónimos do poeta, Chevalier de Pas, surge como forma de superação da tristeza e perturbação introduzidas pelas mudanças súbitas na sua vida, além de forma de combater a solidão. Da mesma altura, por volta dos 8 anos de idade, datam os primeiros versos, dedicados à mãe. A narrativa acompanha a integração em Durban, a frequência da nova escola e a continuação da atividade literária, até ao regresso definitivo a Portugal. O diálogo, subitamente interrompido pelo pai do interlocutor, dá respostas mas também deixa curiosidades por resolver, motivando a descoberta posterior de informações adicionais, humanizando o escritor e tornando-o próximo e presente. As ilustrações procuram recriar as personagens e os ambientes recriados pelo texto, recuperando, em vários casos, imagens conhecidas e fotografias da época, promovendo a criação de cor local e epocal e reforçando a verosimilhança do texto.

No caso de “O Meu Primeiro Pessoa” (2006), de Manuela Júdice, trata-se de uma obra de contornos diferentes e outras ambições, uma vez que inclui, dispersa ao longo da narrativa biográfica, uma pequena coletânea de poemas do autor, tendo, desta forma, uma dupla funcionalidade. Assim, para além de procurar aproximar os leitores atuais da vida e obra de um dos maiores poetas portugueses, procura explicar, de forma acessível, a especificidade da personalidade de Pessoa, dando conta de algumas das suas características literárias e humanas. A explicação da génese de alguns textos e da recorrência de determinados motivos poético-literários, como acontece com a viagem e os barcos, por exemplo, da criação de heterónimos e da sua persistência ao longo da vida do autor, são alguns dos aspetos relevantes da narrativa. A dedicação à arte e à criação literária parecem definir o percurso do poeta que pautou a sua breve existência por valores nem sempre fáceis de compreender pelos seus contemporâneos.

Destaque-se, igualmente, a excelente seleção de poemas incluídos na obra, claramente acessíveis aos leitores e que revelam facetas menos conhecidas do poeta modernista, incluindo alguns dos seus textos de potencial receção infantil. As ilustrações de Pedro Proença recuperam, em alguns casos, a iconografia mais conhecida do

autor da “Mensagem”, promovendo ligações intertextuais com outras obras e artistas.

Entre a recuperação biográfica e a coletânea poética, veja-se também o volume “Fernando Pessoa, o menino de sua mãe” (2007), de Amélia Pinto Pais, editado em Portugal com chancela da Ambar (e, ainda no mesmo ano, no Brasil pela prestigiada “Companhia das Letras”), de onde não estão completamente ausentes intencionalidades didáticas. Destaque-se, contudo, a biografia em primeira pessoa, que ocupa a parte inicial do livro, também ela pontuada de fragmentos de poemas, e a seleção de textos poéticos, que inclui os heterónimos, onde estão presentes os textos destinados a crianças, para além de outros selecionados da “Mensagem” e do “Cancioneiro”.

Em “A Arca do Menino que Inventava Poetas”, conto inserido na coletânea “O Livro que falava com o vento e outros contos” (2006), de José Jorge Letria<sup>4</sup>, percorrido pelo *topos* do elogio da leitura, assiste-se a uma revisitação do universo pessoano, em particular a questão da heteronímia, dando conta da originalidade e da inventividade criadora do escritor, comparado a “uma espécie de árvore mágica que, em vez de dar frutos sumarentos, dava poetas” (LETRIA, 2006, p. 28). Acompanhando o poeta desde a infância, a capacidade de inventar poetas é explicada como resultado da sua fantástica imaginação, mas também da necessidade de se sentir menos só, vivendo, desta forma, rodeado de amigos, cúmplices, mas também críticos e colegas com quem podia discutir poesia e literatura. As personalidades distintas dos diferentes poetas têm implicações nas tendências artísticas que seguem, mas não impedem a total liberdade criativa e a independência que os caracteriza. Guardados na arca, numa clara alusão ao rico espólio pessoano, os poetas inventados e os seus poemas vão constituir uma das mais inovadoras formas de arte de que há memória, reforçando o génio de Fernando Pessoa, mesmo quando tardiamente descoberto e valorizado. Essa questão do reconhecimento público, levemente aflorada no conto, parece recriada pelo narrador com uma certa mágoa, ainda que se reconheça que o poeta parecia

---

<sup>4</sup> José Jorge Letria assinou também, já em 2014, o volume “Fernando Pessoa. O menino que era muitos poetas” (Pato Lógico/INCM), uma biografia em verso do poeta modernista, texto publicado numa coleção de biografias de personalidades portuguesas.

viver num mundo especial, afastado das preocupações com a crítica. O conto, de cariz metaliterário, encerra com um fragmento poético que exprime a relação particular com a heteronímia: “Eu sou o nada que é tudo / e é inventando outras vozes que eu me invento / fingindo que me iludo”.

Vergílio Alberto Vieira também se inspira na figura e na obra do modernista português para criar um conto que tematiza a criação literária. No livro “Um Pássaro na Mão, outro a Voar” (Caminho, 2002), dividido em duas partes, “O livro dos ofícios” e “O livro das artes”, o autor percorre vários universos da criação artística, em termos manuais e intelectuais, dando voz aos criadores e às “criaturas” que produzem. A coesão interna deste volume resulta da repetição de um esquema formal comum aos vários textos, cada um entendido como uma pequena variação em torno de um mote específico. A primeira parte, organizada em sete quadros – quase andamentos em sentido musical – revisita sete ofícios tradicionais ligados à atividade manual do Homem, mas também conotados com profissões populares, esclarecendo a sua relação com os materiais. O ferreiro, o sapateiro, a tecedeira, o canteiro, o amolador, o oleiro, o bufarinheiro constituem uma espécie de reminiscência nostálgica de uma sociedade praticamente extinta, símbolos da mestria e da habilidade, às vezes também da arte, de gente simples e humilde, habituada a trabalhar os materiais e colocá-los ao seu serviço, metáforas parcelares do engenho humano. A segunda parte do livro centra-se em figuras específicas, a maioria do universo artístico, mas também incluindo a ciência ou a técnica, como acontece com Marconi, ainda que a inventividade, em sentido prático, possa ser, como parece o caso, comparada, pela criatividade que a caracteriza, a uma forma de arte também.

A pintura, associada a van Gogh, a escultura, ligada a Miguel Ângelo, a música, encarnada por Mozart, a representação, assumida por Charles Chaplin, o canto, exemplificado por Caruso, o desenho e o cinema de animação, desenvolvidos por Walt Disney, e a criação literária, conotada com Pessoa, constroem uma significativa imagem da variedade da arte, contemplando várias formas de expressão, incluindo as mais clássicas e as mais modernas. Enquanto caleidoscópio multifacetado do engenho criativo humano, cada um dos textos presta tributo, centrando-se figuras concretas, facilmente reconhecíveis e passíveis de serem tomadas como exemplos, à



capacidade artística enquanto forma produtiva de mudar o mundo. No caso do breve conto dedicado a Fernando Pessoa, intitulado “A arte de crescer”, o narrador centra-se num episódio de infância, associando a criação literária a uma sensação precoce do poeta, partilhada com a mãe sob a forma de um desejo de não crescer para não experimentar a solidão das pessoas crescidas. Esta cena, marcada pela intimidade, é o ponto de partida para a constatação do caráter vivo das criações do poeta, capazes de escaparem ao suporte físico em que são fixadas. Sob a aparência de um homem comum, magro, solitário triste, vestido de escuro, em que se transformou, escondia-se, afinal, um menino que não queria crescer.

## **6 Conclusões**

A obra de Fernando Pessoa, vasta e plural, continua a oferecer novas aproximações e oportunidades de revisitação, de reescrita e de leitura, inclusivamente por parte dos leitores infantis e juvenis, teoricamente menos hábeis e competentes para penetrarem na complexa estética do seu autor e nas múltiplas personalidades e poéticas que nele habitam. A proximidade ao universo infantojuvenil, como este estudo pretendeu dar conta, não decorre de um exagero ou de uma leitura simplista dos textos, mas é sugerida, desde logo, pela ligação do poeta ao universo infantil, pela forma como o poetiza e reflete sobre ele. As obras analisadas, de pendor mais biográfico ou bibliográfico, algumas combinando ambas as tendências, funcionam, simultaneamente, como forma de aproximação ao homem e à obra, desmistificando a ideia da dificuldade ou impenetrabilidade dos textos e da personalidade do seu autor. É mesmo possível, atendendo às seleções feitas pelos organizadores, descobrir uma espécie de intertexto comum, um conjunto de poemas que, com algumas exceções, se repete de forma mais ou menos sistemática, constituindo, por via destas edições e das leituras que promovem, uma espécie de obra dentro da obra, um macrotexto cujas características o tornam especialmente adequado TAMBÉM para crianças. Afinal, nas suas palavras, “grande é a poesia, a bondade e as danças... / Mas o melhor do mundo são as crianças”.

## Referências

### Obras analisadas/referidas:

GOMES, José António (Org.). **Poesia de Fernando Pessoa para todos**. Ilustrações de António Modesto. Porto: Porto Editora, 2009.

JÚDICE, Manuela. **O meu primeiro Fernando Pessoa**. Ilustrações de Pedro Proença. Lisboa: Dom Quixote, 2006.

LETRIA, José Jorge. A arca do menino que inventava poetas. In: \_\_\_\_\_. **O livro que falava com o vento e outros contos**. Ilustrações de Alain Corbel. Lisboa: Texto Editores, 2006. p. 25-31.

\_\_\_\_\_. **Fernando Pessoa. O menino que era muitos poetas**. Ilustrações de João Fazenda. Lisboa: Pato Lógico/INCM, 2014.

MOUTINHO, José Viale. **Fernando Pessoa**. Porto: Campo das Letras, 1995.

NOGUEIRA, Manuela. **O melhor do mundo são as crianças**: antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

NORONHA, Margarida (Ed.). **Fernando Pessoa – Antologia Poética**. Ilustrações de Pedro Proença. Matosinhos: Fatoría K, 2009.

PAIS, Amélia Pinto. **Fernando Pessoa – o menino da sua mãe**. Ilustrações de Pedro Leal e Telma Fernandes. Porto: Ambar, 2007.

PESSOA, Fernando. **Poema Pial**. Ilustrações de Manuela Bacelar. Porto: Afrontamento, 2006.

\_\_\_\_\_. Levava um Jarrinho. In: VIEIRA, Alice. **O meu primeiro álbum de poesia**. Ilustrações de Danuta Wojciechowska. Lisboa: Dom Quixote, 2008. p. 29.

VARANDA, Maria de Lourdes; SANTOS, Maria Manuela (Org.). **Poetas de Hoje e de Ontem**: do século XIII ao XXI para os mais

novos. Ilustrações de Filipa Canhestro. Lisboa: Chimpanzé Intelectual, 2007.

VIEIRA, Vergílio Alberto. A arte de crescer. In: \_\_\_\_\_. **Um Pássaro na Mão, outro a Voar**. Ilustrações de Danuta Wojciechowska. Lisboa: Caminho, 2002. p. 67-70.

### **Estudos:**

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Fernando Pessoa e Cecília Meireles: o encontro entre poesia e criança. **Espéculo**, Revista de estudios literários, Universidad Complutense de Madrid, n. 30, jul./out. 2005. Não paginado. Disponível em: <<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero30/pessmeir.html>>. Acesso em: 13 de julho de 2014.

NOBRE, Cristina. Afonso Lopes Vieira: notas sobre os (des)encontros entre gerações e apontamentos para uma edição genética de “Bartolomeu Marinheiro”. **Revista Colóquio/Letras**, n. 155/156, p. 167-178, jan. 2000. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=155&p=167&o=p>>. Acesso em: 13 de julho de 2014.

PESSOA, Fernando. Naufrágio de Bartolomeu. In: \_\_\_\_\_. **Páginas de doutrina estética**. 2. ed. Selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena. Lisboa: Inquérito, [19--]. p. 29-32. (Originalmente publicado em Teatro – Revista de Crítica, Lisboa: 1 mar. 1913).

RODRIGUES, Rui Miguel de Azevedo. **Fernando Pessoa e a infância**. Lisboa: Casa da Leitura, 2008. Disponível em: <[http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot\\_fpessoa\\_a.pdf](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_fpessoa_a.pdf)>. Acesso em: 13 de julho de 2014.

*Recebido em: 18/05/2015*

*Aceito em: 09/06/2015*